

CONSTRUINDO UM INTERPRETANTE EM SALA DE AULA: RELATO DE EXPERIÊNCIA¹

Building an interpretant in the classroom: experience report

WAUKE, Ana Paula

Doutora em Psicologia; Instituto Federal do Paraná (IFPR)
Anapaula.wauke@gmail.com

RESUMO

Este resumo tem como proposta apresentar o relato de experiência pessoal, do uso da semiótica na didática em sala de aula. Neste sentido, atuar como docente de curso de informática é uma papel desafiador, considerando um conteúdo bastante abstrato, pois nem sempre é possível ver de modo visual e concreto o que o computador está fazendo. Passar de maneira clara esse conteúdo, considerando que muitos alunos nunca fizeram o curso de informática anteriormente ou trabalham na área, ou seja, na maioria dos casos é o primeiro contato deles com o conteúdo. Um exemplo disso foi com a disciplina de banco de dados. O armazenamento ocorre literalmente com sequências de 0 e 1 dentro do computador. Entretanto, uma parte importante envolve os modelos que posteriormente serão tabelas para armazenar os dados. Deste modo, como fazer com que o aluno compreenda o que acontece no computador? Como melhorar a compreensão dos modelos que são ao mesmo tempo representações da realidade e elementos que serão tabela? Foi pensando nesses desafios que percebi que o uso da semiótica melhora a didática, objetivando melhorar a aprendizagem dos alunos fui alterando os métodos da aula. Apresentar o conteúdo em diferentes formas de representação para que o aluno compreenda melhor o conteúdo e conectando o abstrato

¹ Relato de experiência como docente da disciplina de banco de dados no IFPR.



com o concreto. Um conceito importante em banco de dados são as tabelas. Entretanto, estas podem ser representadas de diversas formas diferentes. Apresenta-se aos alunos o mesmo conceito mas com representações a nível abstrato de ideias e conceitos, a nível de computador, a nível de cotidiano, fazendo analogias com a realidade, nível de código, etc.; de modo que compreendam a significação do conteúdo passado e tenham um efeito do interpretante na construção da tabelas com a estrutura mais otimizada. Desta forma, passa-se o conceito paralelamente construindo junto deles o que eles têm de base de conhecimento de realidade para contribuir para o conteúdo. De modo que, a sala inteira atua como um interpretante coletivo na construção desse conteúdo. Resultando em signos que se encontram em diferentes meios: computador apresentado pelo datashow, em diversas telas, além do quadro com os desenhos. O mesmo ocorre nas apresentações dos trabalhos, onde estes têm a contribuição de todos, sendo obtidos signos por meio de processamento cognitivo coletivo, o interpretante da sala de aula para cada trabalho. Muitos dos alunos são repetentes, que abandonaram nos anos anteriores pois não conseguiam compreender, estes têm relatado que estão compreendendo. Pelas próprias avaliações que têm ocorrido, os trabalhos têm tido resultados bons. Considerando, os resultados dos trabalhos apresentados e a devolutiva dos alunos, o método de ensino parece ter boa aceitação. Uma visão de processamento cognitivo coletivo da sala de aula, onde há a construção coletiva do conhecimento para todos e por todos. Quando necessário são inseridas perguntas que auxiliem na construção lógica do conteúdo, por meio de categorias e com a participação ativa de todos alunos. Cada turma apresenta um resultado diferente, visto que cada turma é única. Mas o método tem apresentado bons resultados em todas turmas até o momento.

Palavras-chave: Didática; Sala de aula; Interpretante coletivo.

Referências

CAMILLO, R. C. A significação nos processos de leitura e escrita: uma proposta elaborada a partir da experiência clínico-fonoaudiológica. **Dissertação de Mestrado não publicada**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 1997.

WAUKE, A. P. T. Desenvolvimento, Implementação e Avaliação de Intervenção em Dificuldades de Aprendizagem Matemática sob a Perspectiva Sociocultural, Semiótica e Bioecológica em Contexto de Pandemia. **Tese de doutorado não publicada**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2022.

SANTAELLA, L. **Semiótica Aplicada (2a. ed.)**. São Paulo: CENGAGE, 2018.



CONTRAESPAÇOS DIGITAIS: O ÍNDICE FOTOGRÁFICO COMO MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA

Digital counterspaces: the photographic index as a movement of resistance

FROTA, Rafael

Mestrando; Programa de Pós-Graduação em Design – EBA/UFRJ (PPGD EBA/UFRJ)
rafaelfrota@ufrj.br

SILVA, Jofre

Doutor; Escola de Belas Artes da UFRJ (EBA/UFRJ)
jofre@eba.ufrj.br

RESUMO

Michel Foucault (2013) define *heterotopia* como uma espécie de contraespaço – um lugar absolutamente diferente, que não só se opõe a todos os outros, mas que também tem por objetivo neutralizá-los ou purificá-los. Eles podem tanto ser reais, como os cemitérios, os asilos e as casas de prostituição, quanto ilusórios, como os espaços virtuais criados pela reflexão de um espelho, por uma conversa ao telefone ou, sobremodo, pela internet. A recente pandemia de COVID-19 mostrou mais uma vez ao mundo a capacidade que os indivíduos têm de construir heterotopias que os possibilitam existir. E dessa vez, a internet foi o sustentáculo desses movimentos de resistência. A fotografia *on-line*, realizada a distância por meio da internet, é um claro exemplo dessas heterotopias: um índice de contraespaços que tornou possível a criação de experiências visuais outras, mesmo em meio a uma rigorosa imposição de distanciamento social. É importante que se destaque que o uso da internet para esse fim não nasceu em meio à pandemia, mas foi ela que o legitimou. Dificilmente a fotografia *on-line* conseguiria esse feito se não fosse por um desastre em escala global que impediu a sociedade de conviver da maneira habitual.

Sendo assim, fotógrafos e modelos conseguiram transformar essa modalidade em um nicho especializado. Entretanto, seria ainda hoje justificada a existência da fotografia *on-line*? Ela foi apenas um exercício de criação em tempos de pandemia ou é, de fato, uma nova modalidade que veio para ficar? Seja qual for a resposta, um fato é certo: novos e importantes pontos de vista foram trazidos para o debate sobre a semiótica da fotografia, tanto a peirceana quanto a noção de *studium* de Barthes (2018), por exemplo. O presente trabalho aborda signos visuais como movimentos de resistência do corpo e do espaço a partir das possibilidades técnicas, estéticas, poéticas e conceituais da fotografia *on-line*. Para isso, foram desenvolvidos ensaios fotográficos a partir de sessões de videochamada. Capturadas por meio do processo de *refotografia*, as imagens foram trabalhadas de modo a buscar nas limitações de recursos do meio, tais como baixa definição, *moiré*, aberrações cromáticas e alta granulação, sua possível identidade plástica. Em conjunto com a imposição de efeitos de múltiplas exposições, baixas velocidades de captura e colorização por inteligência artificial, essas imagens, tal como um caleidoscópio, provocam uma sucessão de efeitos visuais que remetem ao movimento, à mudança constante e à beleza criada pela combinação de elementos singulares. Assim também são nossos processos de subjetivação no momento da interpretação da imagem: cada giro traz novos sentidos e experiências estéticas.

Palavras-chave: design; fotografia; contraespaços; índice; studium

Referências

BARTHES, R. **A câmara clara**. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

FOUCAULT, M. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.